

A LINGUAGEM EM *BLOGS* DE PROFESSORES DE LÍNGUA INGLESA SOB O OLHAR SISTÊMICO-FUNCIONAL

THE LANGUAGE IN BLOGS OF TEACHERS OF ENGLISH LANGUAGE UNDER THE SYSTEMIC-FUNCTIONAL LOOK

EL LENGUAJE EN BLOGS DE PROFESORES DE LA LENGUA INGLESA POR MEDIO DEL OJAR SISTÊMICO FUNCIONAL

*Estela Seraglio FURRER**

Resumo: Este estudo tem por objetivo discutir, na perspectiva teórica Sistêmico Funcional de Halliday (1994), Halliday e Matthiessen (2004), a linguagem dos *blogs* de professores de Língua Inglesa, tomando como *corpus* o texto, isto é, o discurso escrito como realizações semânticas de falantes/escritores e seus interlocutores. Com foco na metafunção ideacional, analisamos as realizações semânticas articuladas às representações dos processos: material, mental e experiencial (HALLIDAY, 1994). Nesse sentido, o texto/discurso dos *blogs* constitui-se das possibilidades semânticas que significam os propósitos de uma unidade sistêmica em que o funcionamento da linguagem leva um texto/discurso “a significar aquilo que significa”. Ou seja, há, nos *blogs*, uma dinâmica peculiar que se dá/está no texto/discurso escrito como modo de significação. Os dados revelaram que as realizações semânticas dos participantes representam significados de suas experiências em relação ao ensino de Inglês e à inserção da tecnologia em sala de aula.

Palavras-chave: Perspectiva Teórica Sistêmico-Funcional; *Blogs* de professores de Língua Inglesa; Linguagem/Realizações Semânticas.

Abstract: This study aims at discussing, within the theoretical framework of Systemic Functional Linguistics, Halliday (1994), Halliday and Matthiessen (2004), the language of the blogs of English language teachers using as *corpus* the text, that means, the written discourse as semantic realizations of speakers/writers and their interlocutors. Focusing on the ideational metafunction we have analyzed the semantic realizations articulated to the representations of the processes: material, mental and experiential (HALLIDAY, 1994). In this sense, the text/discourse of the blogs constitutes of the semantic possibilities that mean the purposes of one systemic unit in which the way language functions takes a text/discourse to come ‘meaning what it means’. It other words, there is in the blogs one peculiar dynamic that comes/takes place in the text/ written discourse as a way of meaning. The data showed that the semantic realizations of the participants represent meanings about their experience in relation to the English teaching and the use of technology in the classroom.

* Mestra em Linguística pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT).
Profa. da Educação Básica-SEDUC-MT. Contato: estela.s.furrer@gmail.com

Keywords: Theoretical framework of Systemic Functional Linguistics; Blogs of the English language teachers; Language/Semantic realizations.

Resumen: Este estudio tiene como objetivo discutir la perspectiva teórica sistémica funcional de Halliday (1994), Halliday y Matthiessen (2004), el lenguaje de los blogs de profesores de Inglés, tomando como *corpus* el texto, esto es, el discurso escrito como logros semánticos de los hablantes/ escritores y sus interlocutores. En este sentido, el texto/ discurso publicado en la red constituye las posibilidades semánticas que incluyen los propósitos de una unidad sistémica en que el funcionamiento del lenguaje lleva un texto/ discurso "a significar lo aquello que significa". O sea, hay, una dinámica peculiar que se produce/ es en el texto/ discurso como forma significativa por medio de las realizaciones lingüísticas, o sea, el lenguaje como un sistema que permite al hombre construir significados.

Palabras clave: Lingüística Sistémico Funcional (SFL); *Blogs* de profesores de inglés; Construcción de significados/ Realizaciones Lingüísticas.

Introdução

“[...] there is no facet of human experience which cannot be transformed into meaning. [...]”.
(HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p. 29)¹

À compreensão da citação acima, apresento o ponto de partida deste estudo, a linguagem como modo de se significar, isto é, como um recurso sistêmico de significação das coisas que nos cercam, bem como um sistema semiótico de realizações sociais. Nessa perspectiva, a linguagem é construída socialmente na relação entre falantes/escritores e seus interlocutores em diversos contextos de uso. Tem-se, então, a premissa de que a linguagem é a representação de experiências e, sobretudo, resulta da interação entre falantes/escritores, organizada textualmente de modo oral ou escrito.

Este estudo, que tem como objeto de pesquisa a linguagem dos *blogs* de professores de Língua Inglesa, é parte da minha pesquisa de Mestrado²; e situa-se na área da Linguística Sistêmico-Funcional, com base nos estudos linguísticos desenvolvidos por Halliday (1994),

¹ “[...] não há faceta da experiência humana a qual não pode ser transformada em significado” (tradução minha).

² Sob a orientação da Profa. Dra. Fabíola Aparecida S. D. Parreira Almeida.

Halliday e Matthiessen (2004), para os quais a língua é concebida como um recurso semântico, cujas possibilidades de escolhas estão interligadas aos significados que acontecem simultaneamente.

Parafraseando Halliday e Hasan (1985, p. 15), é pela linguagem que falantes/escritores e ouvintes/leitores esperam alcançar seus objetivos. Desse modo, direciono o olhar para o funcionamento da linguagem como possibilidades de escolhas semânticas realizadas por falantes/escritores em *blogs* de professores de Língua Inglesa na construção de textos à guisa da compreensão dos propósitos que levam uma unidade sistêmica, isto é, um texto/discurso “a significar aquilo que significa”.

Barbosa ao prefaciar a obra “A avaliação na linguagem” de Sartin (2010, p. 09) pontua que, para Halliday e Hasan (1989/1994), a linguagem é social e em virtude de ser carregada de significado, “a linguagem incorpora ideologias, valores e diferenças culturais dentro de uma determinada sociedade”.

Concordo com Komesu (2004, p. 06), quando diz que a prática de escrita dos *blogs* evidencia diversas questões humanas para que elas “sejam lidas e discutidas pelo Outro”. Assim, considero que o *blog* tem como propósito social e cultural o uso da linguagem escrita como ferramenta tecnológica de acessibilidade e discussão entre os formuladores dos textos e seus interlocutores, cuja troca diária em seus textos/discursos publicados na rede fomentam reflexões, sugestões e possibilidades de (re) construção simultânea e sucessiva nas mais variadas relações sociais que estabelecem por meio de realizações semânticas que revelam modos de se significar no mundo em que vivem.

Tomando o texto/discurso dos *blogs* como objeto de análise, busco investigar o uso da linguagem como significação enquanto possibilidades de representações de experiências, como um recurso que “permite ao ser humano construir um quadro mental da realidade em que vive, para dar sentido às coisas que o cerca às experiências externas e internas” (HALLIDAY, 1994, p. 106). Além disso, proponho apontar a relevância da análise linguística do texto/discurso escrito como estudo da linguagem em uso, apresentando/discutindo questões sociais a partir de realizações linguísticas, com vistas a entender posicionamentos e valores de pesquisadores entrevistados, professores autores e de seus interlocutores, os visitantes/participantes.

Refletindo sobre o que dizem alguns pesquisadores sobre o *blog*, justifico que a escolha desse contexto, para esta pesquisa, se dá em razão do *blog* possuir uma peculiaridade linguística que é o ato de relatar, ou seja, de narrar questões do cotidiano e tem muito em comum com o diário íntimo (VIAN JR.; MOREIRA-FERREIRA, 2007). Assim, é de interesse desenvolver a análise textual da linguagem em *blogs*, uma vez que o discurso dos *blogs* produzido por professores de Língua Inglesa pode ser compreendido como texto, que, segundo Halliday (1994, p. xvii), não é apenas uma unidade gramatical, mas uma unidade semântica em que os significados são realizados pelas escolhas linguísticas.

A Pesquisa: traçando o percurso de investigação

Esta pesquisa se desenvolve numa perspectiva qualitativa em que se estuda a linguagem no contexto *blogs* de professores de Língua Inglesa. Logo, não pretendo aqui fazer generalizações nem tampouco quantificar, mas apontar a relevância da análise linguística de base Sistêmico-Funcional, concebendo o texto enquanto recurso semântico de comunicação. Para Halliday e Matthiessen (2004, p. 04), “quando as pessoas falam ou escrevem, elas produzem textos.” Em outras palavras, diariamente, somos falantes/escritores, constantemente, interagindo e construindo significados por meio da linguagem. Nesse sentido, a linguagem resulta de escolhas linguísticas feitas pelo falante/escritor, de caráter semiótico cuja função é construir significados: a língua então é um sistema de produzir significados, “um sistema semântico” (HALLIDAY, 1994, p. xvii). O termo “semântico” não se refere simplesmente ao significado das palavras, mas ao todo do sistema de significados da língua, expresso pela gramática bem como pelo vocabulário.

Segundo Godoy (1995, p. 63), os pesquisadores qualitativos se preocupam com o processo e não simplesmente com os resultados ou o produto. Logo, o interesse desses pesquisadores “está em verificar como determinado fenômeno se manifesta nas atividades, procedimentos e interações diárias”.

Fabício (2006), por exemplo, afirma que o pesquisador assume “uma nova postura nos campos dos estudos linguísticos”, cuja prática interrogadora “[...] envolvem escolhas que tem impactos

diferenciados no mundo social e nele interferem de formas variadas” (FABRÍCIO *apud* MOITA LOPES, 2006, p. 49). Daí surge a proposta de estudo na área da Linguística Aplicada (LA) por considerá-la uma ciência investigativa de caráter “indisciplinar”, cujo foco de estudo é a linguagem em diferentes contextos de uso, e não por considerá-la uma área destinada à “aplicação da linguística”, como tem sido caracterizada por aqueles que desconhecem a necessidade de “dialogar com teorias que têm levado a uma profunda reconsideração dos modos de produzir conhecimento em ciências sociais” (SIGNORINI, 1998 *apud* MOITA LOPES, 2006, p. 23).

Tomando o texto como objeto de estudo vale lembrar aqui as condições de produção no contexto *blog*. Desse modo, pressupõe-se que a linguagem, nesse contexto, tende a ultrapassar a função da escrita como mera produção de textos, uma vez que a partir das postagens dos interlocutores a linguagem é vista como potencial de relações sociais. É possível afirmar que, nos *blogs*, os participantes discutem sobre temas variados construindo significados interpessoais em que léxico-gramaticalmente se posicionam no ato da interação (HALLIDAY, 1994).

Os dados analisados neste trabalho foram coletados na *internet*, são compostos por textos escritos publicados em *blogs* de professores de Língua Inglesa. Alguns desses *blogs* estão ativos e outros não. Para tanto, elenco os *blogs*³ que constituem o *corpus* desta pesquisa:

- ✓ (1) <<http://www.carinafragozo.com.br/2012/06/top-7-blogssites-para-professores-de.html>>;
- ✓ (2) <<http://learnenglishwithcintia.blogspot.com.br/2013/09/aprendendo-linguas-atraves-da-criacao.html>>;
- ✓ (3) <<http://anascatena.blogspot.com.br/2013/08/going-nuts-on-nuts.html>>⁴;

³ A ordem utilizada na análise, conforme dados selecionados dos *blogs*, não atende a privilégio algum. Saliento que foram utilizados 07 *blogs* na pesquisa (Dissertação de mestrado). No entanto, para este estudo selecionei recortes apenas dos *blogs* 01, 02 e 03, conforme foi elencado acima.

⁴ Destaco que os blogs analisados foram acessados em setembro de 2013.

A Linguística Sistêmico-Funcional

Neste item vamos apresentar os conceitos da Linguística Sistêmico-Funcional que serão mobilizados para as análises dos *blogs* dos professores de Língua Inglesa.

O discurso dos *blogs* produzido por professores de Língua Inglesa pode ser compreendido como texto, que, segundo Halliday (1994, p. xvii), não é apenas uma unidade gramatical, mas uma unidade semântica em que os significados são realizados pelas escolhas linguísticas. Para o autor, sem a teoria das escolhas (sequências gramaticais), que é a gramática, torna-se inviável interpretar o texto de maneira explícita.

Para Halliday e Matthiessen (2004, p. 04), “quando as pessoas falam ou escrevem, elas produzem textos.” Em outras palavras, diariamente, somos falantes/escritores, constantemente, interagindo e construindo significados por meio da linguagem. Daí, as atividades sociais como um encontro trivial, como pedir um café ou acontecimentos históricos como o discurso de posse de Nelson Mandela, são considerados textos (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004).

A Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) é a teoria geral do funcionamento da linguagem humana, de base descritiva com foco no estudo no uso linguístico, afirma Gouveia (2009). Para ele, em virtude de ser uma teoria de descrição gramatical, adquire, na maioria das vezes, a designação mais restrita de Gramática Sistêmico-Funcional (GSF).⁵ No entanto, além de ser uma teoria de descrição, a LSF fornece também uma metalinguagem que a caracteriza como um modelo teórico de análise textual (GOUVEIA, 2009, p. 14).

De acordo com Halliday (1994, p. xiv), a teoria sistêmica é conhecida como a teoria do significado das escolhas, pelo qual uma língua, ou qualquer outro sistema semiótico, é interpretado como redes de possibilidade discursivas “entrelaçadas”. Mas, na gramática das escolhas linguísticas cada elemento tem uma função específica/particular em relação ao todo, como destaca Halliday (1994 p. xvi): “o presente interesse na análise do discurso é de fato o de

⁵ Neste trabalho, adota-se a terminologia Linguística Sistêmico-Funcional (LSF).

fornecer um contexto dentro do qual a gramática tem um papel central”. Ainda, a esse respeito, o autor afirma que “uma análise de discurso que não é baseada na gramática é [...] simplesmente um comentário superficial do texto” (HALLIDAY, 1994).

Nas palavras de Halliday e Matthiessen⁶ (2004), tem-se o propósito de uso da linguagem associado às representações de experiências, bem como às atividades interacionais, configurando seu papel social e funcional. Para os autores (HALLIDAY, 1994, p. 24-25),

Usamos a linguagem para dar sentido às nossas experiências (descrever/representar) e, para realizar nossas interações com outras pessoas. Isso significa dizer que a gramática deve interagir com o que está fora da linguagem: com os acontecimentos e condições do mundo, bem como com os processos sociais em que engajamos. Mas, ao mesmo tempo ela deve organizar a construção da experiência, e a atuação/representação dos processos sociais (os modos de agir), então eles podem ser transformados em fraseado⁷.

Halliday (1994, 2004) centra-se no uso da linguagem como um ‘sistema semiótico’ com possibilidades de escolhas linguísticas para criar significados, simultaneamente, categorizados em três metafunções: ideacional (*clause as representation*), interpessoal (*clause as exchange*) e textual (*clause as message*). Para este funcionalista, a linguagem é a representação da experiência de mundo (metafunção ideacional) e da interação com outros (metafunção interpessoal), que se organiza, de modo oral/escrito (metafunção textual).

⁶ No original: We use language to make sense of our experience, and to carry out interactions with other people. This means that the grammar has to interface with what goes on outside language: with the happenings and conditions of the world, and with the social processes we engage in. But at the same time it has to organize the construal of experience, and the enactment of social processes, so that they can be transformed into wording.

⁷ O termo *wording* é originalmente definido por Halliday (1994, p. xvii) como o meio pelo qual os significados são construídos, ou seja, são realizados nas frases em sequências gramaticais ou sintagmas que contêm itens lexicais e gramaticais: “a gramática é uma teoria de fraseados”. Ver *A Linguística Sistemico-Funcional*. Disponível em: <http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/0710564_09_cap_03.pdf>. Acesso em: nov. 2012.

Nessa direção, a linguagem resulta de escolhas linguísticas feitas pelo falante/escritor, de caráter semiótico cuja função é construir significados: a língua então é um sistema de produzir significados, “um sistema semântico” (HALLIDAY, 1994, p. xvii). O termo “semântico” não se refere simplesmente ao significado das palavras, mas ao todo do sistema de significados da língua, expresso pela gramática bem como pelo vocabulário. Sobre a linguagem, novamente, Barbosa ao prefaciara obra de Sartin (2010, p. 09) diz que, para Halliday (2004), “a linguagem é altamente complexa, funcional e um sistema semiótico, e conferindo à linguagem um caráter dinâmico”.

Sobre o aspecto semântico, Halliday (1994) diz que a relação da gramática com a semântica é natural, não arbitrária, pois não é possível saber onde uma começa e a outra termina. Na verdade, não há uma linha divisória entre a relação gramatical e semântica: é uma gramática de “escolhas” não uma gramática em “cadeia” (HALLIDAY, 1994, p. xix). É, portanto, na interação que as experiências e relações interpessoais são transformadas em significados; este é o nível semântico, e o significado é transformado em fraseados (*wordings*); o nível estrutural (léxico), isto é, ‘conjunto de fraseados’.

Para Halliday, contexto de cultura é “todo o sistema da língua”. Já o “sistema semântico particular, ou conjunto de subsistemas, que é associado com um tipo particular de situação ou contexto social” é definido como contexto de situação (FUZER e CABRAL, 2010, p. 15).

O fato de não conhecer o contexto de situação leva a uma diversidade de leituras, ou seja, diferentes interpretações⁸ acerca

⁸ Ao evidenciar a relevância de se conhecer o contexto de situação Fuzer e Cabral, (2010, p. 15) ilustram:

“Texto 04 - Falante A: Bah, ontem fui para casa pendurada no bombeiro! Falante B: Ainda bem que eu pego o T. Neves. Tais pesquisadoras explicam que ‘dependendo do contexto de situação em que esse enunciado for usado, diferentes leituras são possíveis’. No entanto, para aqueles conhecedores do contexto de situação, ou seja, ‘o ambiente imediato no qual o texto está de fato funcionando’, que são: ‘Aqueles que conhecem ou usam a linha de ônibus Campus-Bombeiros, que faz a rota entre o campus da UFMS e a Praça dos Bombeiros, no centro de Santa Maria, entenderá que a palavra ‘Bombeiro’, no enunciado do Falante A, refere-se ao ônibus. O enunciado significará, para esses interlocutores, que a passageira foi para casa num ônibus lotado. Raciocínio semelhante será utilizado para compreender o significado

daquilo que está sendo discutido no texto. Para ilustrar, trago os seguintes excertos⁹:

Visitante do blog: “E fugindo um pouco dos apps, tu já testou os bots de tradução do Google no gtalk? [...]”.

Autora do blog: “Olá, [...]! Muito obrigada pela contribuição! Acabei esquecendo do Google Tradutor, e não tinha o app instalado! Farei isso já! Não conhecia essa ferramenta no Gtalk! Vou tentar adicionar e ver como fica [...]”.

Nesses excertos, retirados dos *blogs* de professores de Língua Inglesa, os significados construídos entre o visitante e a autora do *blog* envolvem o conhecimento sobre/da linguagem tecnológica. Assim, pressupõe-se que para aqueles que diariamente lidam com a tecnologia, mais especificamente com a linguagem da *internet*, terão menos dificuldade para entender de que se trata o assunto do texto. No entanto, para aqueles que não estão familiarizados com esses termos e com essa linguagem tecnológica, pressupõe-se que teriam maior dificuldade para entender, de modo imediato, que *app(s)*, *bots*, *gtalk* se referem a alguns aplicativos, ou seja, ferramentas disponíveis na *internet*.

O conceito que considero nesta pesquisa é o da instanciación, pois o sistema da língua é instanciado em forma de texto. Assim, “o conceito de instanciación diz respeito à relação entre duas perspectivas que temos da língua: língua enquanto sistema e texto” (BATISTA, 2012, p. 15). A partir dessa relação, as atividades sociais como um encontro trivial, como pedir um café ou acontecimentos históricos como o discurso de posse de Nelson Mandela, são considerados textos, conforme Halliday e Matthiessen (2004).

Egins (2004, p. 23) salienta que o texto tem sido definido como “produtos autênticos das interações sociais”. A autora enfatiza que Halliday e Hasan referem-se à linguagem oral e à linguagem

enunciado do Falante B: aqueles que compartilham o mesmo contexto, saberão que ‘T. Neves’ designa outra linha de transporte coletivo que faz a rota entre o *campus* da UFMS e um bairro chamado Tancredo Neves-popular T.Neves. Já aqueles que desconhecem esse contexto[...] poderão fazer outras leituras[...]” (FUZER; CABRAL, 2010, p. 15).

⁹ Disponível em: <<http://www.carinafragozo.com.br/2013/08/6-aplicativos-para-aprenderpraticar.html>>. Acesso em: 2013.

escrita como texto, embora outras abordagens estabeleçam diferenças entre ‘texto’, como linguagem escrita, e ‘discurso’ como linguagem oral, ou seja, a fala; na LSF, não há tal distinção.

Para Halliday e Hasan (1976 *apud* EGGINS, 2004, p. 28), um texto é “uma unidade SEMÂNTICA: não uma unidade da forma, mas do significado”. Isso implica dizer que em termos sistêmicos, mais precisamente, em termos funcionais, um texto é uma unidade de significados, uma unidade que expressa, simultaneamente, significados ideacional, interpessoal e textual (EGGINS, 2004).

Halliday (1994, p. xiii) atribui às metafunções o modo organizacional de propósitos, isto é, da linguagem em uso referindo à linguagem como reflexão, para entender o ambiente (metafunção ideacional) e à linguagem como ação, para interagir com outros (metafunção interpessoal) que se constitui em texto oral ou escrito (metafunção textual).

Halliday e Matthiessen (2004) referem-se às metafunções (*Metafunctions*), representadas na oração como uma combinação de três diferentes estruturas, derivando, portanto, de componentes funcionais distintos, a saber: metafunção ideacional como representação (*clause as representation*), metafunção interpessoal como troca (*clause as exchange*), e metafunção textual como mensagem (*clause as message*). Essas três estruturas servem para expressar em grande parte três grupos, independente de escolhas semânticas.

As metafunções estão associadas à gramática, ou seja, ao tipo de oração, conforme representação abaixo:

Quadro 1- Metafunções e aspectos gramaticais.

Metafunção	Tipo de significado	Condição correspondente na oração
Ideacional	Experiencial	Oração como representação (<i>clause as representation</i>)
Interpessoal	Atuação nas relações sociais	Oração como troca (<i>clause as exchange</i>)

Textual	Criação pertinente ao contexto (texto oral ou escrito)	Oração como mensagem (<i>clause as message</i>)
---------	--	---

A seguir, apresento os tipos de processos¹⁰ e suas realizações (FUZER; CABRAL, 2010), a partir de exemplos extraídos do *corpus* deste estudo.

Quadro 2- Cf. Metafunção Ideacional- Processos e Realizações nas Orações como Representação da Experiência Humana.

Processo Material -representação da experiência externa (ações e eventos)	Realização: fazer, construir, acontecer. “[...] achei interessante <u>construir</u> uma lista de sites e blogs que interessam não só a aprendizes, mas também a professores de inglês.” “Um blogueiro deve <u>escrever</u> bem [...] <u>atualizar</u> o blog constantemente, <u>responder</u> aos comentários dos seguidores e <u>criar</u> posts [...]”.
Processo Mental - representação da experiência interna (lembranças, reações, reflexões, estados de espírito)	Realização: lembrar, pensar, imaginar, gostar, querer. “ <u>Senti</u> uma alegria imensa ao ver meus alunos tão empolgados e felizes compartilhando os resultados dos seus trabalhos [...]”. “ <u>Gosto</u> de pesquisar e dos comentários carinhosos que recebo.”
Processo Relacional - representação das relações (identificação e caracterização)	Realização: ser, estar, parecer, ter. “ <u>Sou</u> uma amante da tecnologia [...]”.

	“Seu <u>blog</u> <u>está</u> bem fundamentado.” “Sempre <u>fui</u> uma boa aluna na escola e na faculdade [...]”.
Processo Comportamental	Realização entre o material e mental: dormir, bocejar, tossir, dançar. Realização entre o mental e reacional: dizer, responder, afirmar, discutir (processo verbal como representação do dizer). “A gente até ri de um comentário desses, mas isso foi real [...]”.
Processo Existencial – representação da existência no mundo.	Realização entre o relacional e o material: existir e haver. “<u>Há</u> um consenso entre os brasileiros de que o inglês <u>é</u>, atualmente, uma ferramenta essencial para interação no mundo globalizado[...]”.

Análise

Neste estudo, procuro investigar e analisar as escolhas linguísticas presentes no discurso, isto é, as realizações semânticas nos textos publicados em *blogs* informativos de professores de Língua Inglesa na perspectiva teórica Sistêmico-Funcional de Halliday (1994), Halliday e Matthiessen (2004), tomando como *corpus* o texto, isto é, o discurso escrito nos *blogs* de professores de Língua Inglesa, como realizações semânticas de falantes/escritores e seus interlocutores.

É pertinente observar que, analisar o discurso de base sistêmico-funcional implica muito mais do que considerar palavras em orações, é, pois, concentrar-se no significado “além da oração, nos recursos semânticos que nos leva a cada oração à medida que um texto se desdobra” (MARTIN; ROSE, 2003/2007, p. 1).

Considerando a dinâmica da linguagem no seu aspecto reflexivo, para entender o ambiente, em que a oração funciona como

representação, isto é, construção de “experiência da realidade como discurso”. Nessa direção, procedo, então, ao estudo sobre a linguagem à perspectiva de Halliday e Matthiessen (2004), com foco, na metafunção ideacional (*clause as representation*), a partir da análise das escolhas linguísticas realizadas por falantes/escritores (PA)¹¹ dos *blogs* selecionados e por professores/pesquisadores entrevistados (PE)¹² nesses *blogs*.

Exemplo (1)

Quando eu tinha uns 12 anos, comecei a gostar de bandas internacionais como Guns n' Roses, Silverchair, Aerosmith e (podem rir) Hanson.

No exemplo (1), o PA do *blog* revela o “gosto” por músicas internacionais que se realiza linguisticamente no processo mental “gostar”.

Para Martin e Rose (2007, p. 64), os processos mentais “são os processos do sentir”. Tais processos se referem a reações mentais em que se faz necessário um participante humano, aquele que dotado de consciência expressa o que sente, pensa ou percebe.

Desse modo, no exemplo acima, observa-se que o PA do *blog* 1 ao narrar, ou seja, ao refletir sobre a sua própria história de aprendizagem de inglês, revela a sua motivação ao aprender uma língua estrangeira, salientando o ‘gosto’ por música no processo mental “gostar”.

Exemplo (2)

Sou simplesmente apaixonada pelo ensino/aprendizagem de línguas e pelos estudos em Linguística, principalmente na área da Fonologia.

Observa-se, no exemplo (2), que o PA do *blog*, ao utilizar o processo mental “apaixonar”, realiza, de maneira explícita, “quão

¹¹ Optei pela terminologia **PA** para se referir ao professor (a) autor(a) de cada *blog*.

¹² Alguns exemplos contemplam falas de professores/pesquisadores entrevistados nos *blogs*. Assim, utilizo a terminologia **PE** para se referir a esses falantes/escritores. E para os visitantes/participantes, interlocutores dos *blogs* selecionados (VPB).

apaixonante” é o ensino/aprendizagem de línguas e por outras áreas de conhecimento como a Linguística e Fonologia.

Para Sartin (2010, p. 46), os processos, por sua vez, são “do tipo mental e relacional para expressar sentimento/os como predisposição; comportamental para expressar sentimentos que são como uma onda ou um ímpeto”.

Exemplo (3)

Eu mesma já tive vontade de chorar algumas vezes, quando imaginava uma aula perfeita na minha cabeça e me deparava com uma falta de disciplina tremenda por parte dos alunos.

No exemplo (3), o PA do *blog* expressa uma representação da experiência interna (lembranças, reações, reflexões, estados de espírito), realização entre o processo mental e comportamental em reação à indisciplina dos alunos. Essa realização linguística se dá por meio do processo comportamental “chorar”.

Dando continuidade, apresento exemplo em que um PE no *blog* 1, expressa em suas escolhas linguísticas realizações semânticas de “insegurança” que são representadas pelo processo mental “sentir”. Em razão do processo mental ‘sentir’ não exprimir por si só segurança/insegurança dado o seu aspecto afetivo (reflexão e estado de espírito), o termo ‘desamparada’ revela o significado negativo expresso no discurso do falante/escritor em que infere-se à fase inicial de sua prática docente uma realização de que implica “insegurança”.

Exemplo (4)

No início de meu trabalho como docente, na época em que ainda cursava a faculdade de Letras, me sentia desamparada[...]

No exemplo abaixo, tem-se o PA do *blog2* expressando “insegurança” que é realizada de maneira explícita pelo processo mental cognitivo “temer”. O discurso do PA diz respeito à insegurança vivenciada por muitos professores sobre o uso de uma “nova tecnologia”, que à época era o livro didático. Em outras palavras, a partir do processo mental perceptivo “parece”¹³, infere-se que essa

¹³ Relaciono aqui ‘parece’ ao processo mental perceptivo quando atribuo significado, ao fato do falante/escritor do *blog* ‘perceber’, ‘notar’ quão similar configuram-se à

insegurança diz respeito ao ‘receio’ ou às vezes ‘aversão’ dos professores no momento em que surge uma nova tecnologia, pois “o mesmo está acontecendo com os celulares e tablets hoje em dia” (PA). Já o processo comportamental expresso pelo falante/escritor na escolha linguística “rir” infere-se, timidamente, um discurso de “superação” à experiência à época em que “os livros”, enquanto ferramenta tecnológica “começaram a se popularizar”.

Exemplo (5)

Quando os livros começaram a se popularizar há alguns séculos, muitos professores temeram por seus empregos. A gente até ri de um comentário desses, mas isso foi real! Parece que o mesmo está acontecendo com os celulares e tablets hoje em dia.

No exemplo (6) o PA do *blog* 1 evidencia sua “paixão” pela tecnologia e, sobretudo, a relevância dessa ferramenta no contexto educacional, ou seja, na prática pedagógica, cuja realização se dá de maneira explícita, pelo processo mental de alta intensidade “amar”.

Exemplo (6)

Sou uma amante da tecnologia e acredito que ela pode ser uma grande ferramenta educacional quando bem utilizada.

Exemplo (7)

Queria que se encantassem com a aprendizagem da língua, como eu me encantei [...]

Nota-se em (7) quão importante é, para o PE no *blog*1, aprender inglês. O processo mental emotivo “encantar” provoca a interpretação significativa no que diz respeito a sua prática pedagógica. No entanto, o PE expressa uma realização semântica negativa à atitude dos alunos na aprendizagem de inglês, visto que na oração desiderativa “Queria que se encantassem [...]” implica a interpretação de ‘que seus alunos ainda não se encantaram pela língua em questão. A oração desiderativa, segundo Fuzer e Cabral (2010, p. 52), “exprime desejo, vontade, interesse em algo”.

Exemplo (8)

época da popularização dos livros à época dos celulares e *tablets* como representação discursiva da sua experiência docente em relação à tecnologia na sala de aula.

Antigamente, para preparar uma aula com recursos visuais era uma trabalhadeira: juntar revistas velhas e folhear uma por uma, para achar as imagens de que precisávamos para apresentar um vocabulário novo, por exemplo. [...] Hoje em dia, para quem tem acesso a um computador e Internet, a busca é muito mais fácil.

Com base na fala do PA do *blog* 3, observa-se “a dificuldade” vivenciada pelos professores na preparação das aulas e organização/montagem de recursos didáticos antes do advento da tecnologia, isto é, “antigamente”. Essa dificuldade se realiza no discurso do PA pelo processo relacional “ser”. Há na intenção discursiva desse PA em estabelecer um paralelo entre épocas: “antigamente” e “hoje em dia”. Desse modo, referindo-se aos dias atuais, o PA expressa relevância a tecnologia/*internet* no contexto educacional que se realiza no processo relacional “ser”.

Exemplo (9)

Descobri que, na vastidão da Internet, podemos garimpar e encontrar propostas de atividades, que podem muito bem ser adaptadas [...] de modo a se tornarem mais atrativas aos olhos dos alunos.

No exemplo (9), o PE evidencia em seu discurso relevância ao papel da *internet* enquanto recurso pedagógico para o ensino de língua estrangeira. A relevância dessa ferramenta no contexto educacional se dá no conjunto semântico das realizações: processo mental cognitivo “descobrir” e processo relacional “ser”. Assim, observa-se nesse exemplo que o PE utilizou uma variedade de elementos linguísticos, ou seja, escolhas, para significar “quão relevante é a *internet*, bem como a vasta disponibilidade de seus recursos”.

Exemplo (10)

Sempre gostei de consultar as comunidades [...]

Em (10), o VPB, *blog* 1, expressa em seu discurso o gosto pelo “acesso às redes sociais”, ou seja, consulta às comunidades. Isso se dá a partir do processo mental “gostar”.

Considerando a análise textual da linguagem, constata-se que essas realizações linguísticas implicam o discurso de falantes/escritores sobre coisas que cerceiam, principalmente, a sua prática docente, a

saber: o ambiente de sala de aula, dificuldade na preparação de materiais didáticos, a participação/desempenho dos alunos, o papel social da tecnologia no contexto educacional, a vasta diversidade de materiais disponibilizados na *internet*. Enfim, são questões de natureza significativa ao ensino/aprendizagem de Língua Inglesa.

Diante disso, é importante mostrar que o interesse neste estudo está naquilo que contém os textos de falantes/escritores (PA/ PE/ VPB)¹⁴ que foram postados em *blogs* informativos de professores de Língua Inglesa, independentemente da data dos *posts*. Isso porque procura-se estudar a língua como recurso semântico, no sentido de identificar e analisar as realizações/escolhas semânticas em uso, ou seja, as construção de significados como representação da experiência, com foco na metafunção ideacional (*clause as representation*), no discurso dos participantes dos *blogs* analisados, à perspectiva teórica de Halliday (1994), Halliday e Matthiessen (2004).

Diante disso, pode-se afirmar que no discurso dos *blogs*, “usar a língua significa fazer escolhas na envolvimento de outras escolhas” (HALLIDAY, 1978, p. 52 *apud* GOUVEIA, 2009, p. 22).

Considerações finais

No uso da linguagem, a representação da experiência por meio da metafunção ideacional, bem como a atuação nas relações sociais, através da metafunção interpessoal, depende da habilidade humana para a construção de sequências discursivas coerentes em forma de texto falado ou escrito através da metafunção textual.

A partir do estudo das metafunções¹⁵ ideacional, interpessoal e textual, conforme Halliday (1994) e Halliday e Matthiessen (2004) e seus seguidores, entre outros que também dialogam com a Linguística Sistêmico-Funcional, é possível inferir que na vida, em geral, não se pode dizer sobre a função de cada sentença de modo separado.

¹⁴ Terminologia utilizada na análise para se referir aos participantes da pesquisa: professores autores dos *blogs* (PA), professores/pesquisadores entrevistados (PE) e visitantes/participantes, interlocutores dos *blogs* selecionados (VPB).

¹⁵ Registra-se que as metafunções, na perspectiva hallidayana, ocorrem simultaneamente. No entanto, a ênfase deste estudo está na Metafunção Ideacional a partir das realizações semânticas articuladas às representações dos processos: material, mental e experiencial (HALLIDAY, 1994).

Simplemente, porque, no uso da linguagem, ou seja, num texto, cada sentença é multifuncional, cujos significados são entrelaçados numa tessitura densa de modo que para entendê-los, é preciso olhar para o todo simultaneamente (HALLIDAY; HASAN, 1985, p. 23).

A partir da análise linguística textual do discurso dos *blogs* informativos de professores de Língua Inglesa, é possível dizer que os falantes/escritores e seus interlocutores/visitantes participantes revelam como propósito de uso da linguagem escrita discutir acerca de questões sociais que entrelaçam a prática docente de ensino de inglês e a tecnologia, ou seja, expressam o modo de ser, pensar, representar, enfim, agir no/sobre o mundo que os cercam. Em outras palavras, “uma maneira de entender uma sociedade é analisar os textos por ela produzidos porque é pela linguagem que o indivíduo revela seus valores e suas representações” (BARBARA; MACÊDO, 2009, p. 95).

Referências

BARBARA, Leila; MACÊDO, Célia Maria Macedo. Linguística Sistêmico-Funcional para a análise de discurso: um panorama introdutório. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, v. 10, n. 1, p. 89-107, 2009. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/les/article/view/1212/871>> Acesso em: 21 mar. 2013.

BATISTA, Maria Eugênia. **Implicações Socioeducacionais do Ensino de Inglês em Escolas Públicas**: Linguística Sistêmico-Funcional e Representação da Prática Pedagógica. 2012. 272 f. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: <http://www.sapientia.pucsp.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=14651>. Acesso em: 17 ago. 2012.

EGGINS, Suzanne. **An Introduction to Systemic Functional Linguistics**. London: Printer Publishers, 1994/2004.

FABRÍCIO, Branca F. Linguística aplicada como espaço de “desaprendizagem”. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo (Org.). **Por uma**

Linguística Aplicada Indisciplinar. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

FUZER, Cristiane; CABRAL, Sarah. R. Scotta. **Introdução à gramática sistêmico-funcional em língua portuguesa.** Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Artes e Letras, Departamento de Letras Vernáculas, Núcleo de Estudos em Língua Portuguesa, 2010.

GODOY, Arilda Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**, v. 35, n. 2, p. 57-63, mar./abr. 1995. Disponível em: <http://rae.fgv.br/sites/rae.fgv.br/files/artigos/10.1590_S0034-75901995000200008.pdf>. Acesso em: 22 dez. 2013.

GOUVEIA, Carlos Alberto Marques. Texto e Gramática: uma introdução à Linguística Sistêmico-Funcional. 2009. Disponível em: <<http://www.pgletas.uerj.br/matraga/matraga24/arqs/matraga24a01.pdf>> Acesso em: 25/11/ 2012.

HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood. (1985). **An introduction to functional grammar.** 2. ed. London: Edward Arnold Publishers. London, 1994.

HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood (1985). **An introduction to functional grammar.** 3. ed. Matthiessen. London: Edward Arnold Publishers, 2004.

HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood; HASAN, Ruqaiya **Language, context, and text:** aspects of language in a social-semiotic perspective. Oxford University Press, 1985. Disponível em: <<http://web.uam.es/departamentos/filoyletras/filoinglesa/Courses/LFC11/LFC-HallidayHasanReading.pdf>>. Acesso em: 06 jul. 2012.

KOMESU, Fabiana. **Blogs e as práticas de escrita sobre si na internet.** Disponível em: <<http://www.ufpe.br/nehete/artigos/blogs.pdf>>. Acesso em: 07 jan. 2013.

MARTIN, James Robert; ROSE, David. **Working with discourse:** meaning beyond the clause. London: Continuum, 2003/2007.

MOITA LOPES, Luiz Paulo (Org.). **Por uma linguística Aplicada Indisciplinar.** Parábola. São Paulo, 2006.

SARTIN, Fabiola Dutra Parreira Almeida. **A avaliação na linguagem.** Os elementos de atitude no discurso do professor: um exercício em Análise do Discurso Sistêmico-Funcional. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

VIAN JR, Orlando; MOREIRA-FERREIRA, Maria Caroline. Gêneros do discurso em transformação: um estudo comparativo da estrutura potencial dos gêneros diário e *blog* sob a perspectiva sistêmico-funcional. **The ESpecialist**, v. 28, n. 2, p. 117-136, 2007. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/esp/article/view/6171/4489>>. Acesso em: 15 jun. 2014.

Recebido em: 16/07/15

Aceito em: 20/08/15